



SEÇÃO TEMÁTICA

O pensamento neoliberal no discurso religioso: a ideologia empreendedora na Igreja Universal do Reino De Deus

The neoliberal view in religious discourse: the entrepreneurial ideology in the Universal Church of the Kingdom of God

Ana Maria Santos*

Resumo: Este trabalho explora a aproximação do discurso da Igreja Universal em Portugal, durante a crise financeira e o programa de austeridade, ao pensamento político neoliberal, recorrendo à centralidade do conceito de empreendedorismo na retórica de ambos. Analisa-se a produção escrita da Universal no seu jornal Folha de Portugal entre os anos 2010 e 2012, pesquisando todas as referências a empreendedorismo e conceitos relacionados, fazendo a análise do discurso. Os dados recolhidos apontam para uma sobrevalorização do empreendedorismo como solução para a crise, relativizando os constrangimentos provocados pela crise e austeridade e, assim, para o alinhamento com a ideologia e habitus neoliberal.

Palavras-chave: Neopentecostalismo. Neoliberalismo. Crise financeira. Austeridade.

Abstract: This work explores the affinities between the discourse of the Universal Church of the Kingdom of God in Portugal, during the financial crisis and the austerity program, and the neoliberal thought, using the concept of entrepreneurship as the central analysis in the rhetoric of both. We delve into UCKG's written production – the newspaper Folha de Portugal – for a two-year period (2010 and 2012), researching all references to entrepreneurship and related concepts, carrying out discourse analysis. The data collected points to an overestimation of entrepreneurship as a solution to the crisis, and a poor understanding of the constraints caused by the crisis and austerity and, this suggests the alignment of this religious discourse with the neoliberal habitus and ideology.

Palavras-chave: Neo Pentecostalism. Neoliberalism. Financial crisis. Austerity.

Introdução

O interesse por estudos que cruzam o campo da religião e da política têm vindo a ganhar fôlego nas últimas três décadas. Contudo, não se pode verdadeiramente colocar o debate académico em termos de (re)emergência da religião na política, e vice-versa. A literatura científica das últimas duas décadas tem vindo a demonstrar como em alguns contextos essa separação absoluta das duas esferas nunca chegou a ser perceptível (Woodhead; Kawanami; Partridge, 2009).

* Doutoranda em Sociologia (FLUP, Portugal). ORCID: 0000-0003-1281-9171 – contato: anamariagsantos91@gmail.com

Na transição do século XX para o novo milénio houve três acontecimentos que marcaram sobremaneira a investigação neste campo: a revolução islâmica no Irão em 1979, o Movimento Solidariedade na Polónia em 1980 e os atentados de 11 de setembro de 2001 (Thomas, 2005). O fator religião tornou-se um elemento de peso a ponderar nas análises de política internacional. Sabe-se que essa relação é complexa e multifacetada, conhecendo as dinâmicas religiosas e políticas múltiplos atores, contextos e reconfigurações. Neste sentido, tem sido particularmente relevante observar como os imaginários religiosos da nova direita política se têm reconfigurado, ou como algumas formas de populismo se revestem de elementos de natureza religiosa, incluindo no caso português (Brissos-Lino; Moniz, 2023). Estas modulações acabam por demonstrar a própria plasticidade das expressões religiosas.

No âmbito do painel “Confluências religiosas: católicos e evangélicos nos Governos de extrema-direita” no VIII Simpósio Luso-brasileiro de Estudos da Religião abordou-se um tópico que tem vindo a ser alvo de interesse desde os anos 2000: a interseção entre neoliberalismo e neopentecostalismo. Autores como Freston (2001), Attanasi e Yong (2012), Gauthier e Martikainen (2013), Possamai (2018), Wrenn (2019), entre outros, oferecem estudos elucidativos da intrincada relação entre a ideologia e retórica neoliberal e múltiplas expressões religiosas, em particular os grupos neopentecostais ou aqueles que veiculam teologias da prosperidade. É este eixo analítico que o trabalho aqui presente foca, explorando algumas questões e elementos idiossincráticos de cada uma destas ideologias e situando-as no contexto português.

Algumas questões de partida

Foram já referidos alguns tópicos de interesse no campo do estudo da religião nas últimas décadas, tais como: o sucesso global de expressões de religiosidade e/ou espiritualidade que dão mais ênfase à dimensão emotiva (entre os quais se destacam as teologias da prosperidade), enquanto as formas mais tradicionais e burocratizadas parecem estar em declínio em todo o mundo; o exponencial e simultâneo crescimento do neoliberalismo e do neopentecostalismo nas décadas 1980-1990, levando vários autores a considerar as afinidades entre ambos; a militância religiosa na política, sendo que no contexto europeu a mobilização tende a fazer-se de forma mais pontual e geralmente em torno de causas.

A propósito deste último ponto, constata-se que diversas instituições religiosas têm intervindo nos debates públicos das últimas décadas acerca da interrupção voluntária da gravidez, do casamento entre pessoas do mesmo sexo, da eutanásia e, mais recentemente, na questão da identidade/herança cristã da Europa, muitas vezes sendo este debate colocado nos termos da necessidade de defesa da matriz judaico-cristã perante novas expressões religioso-culturais que têm chegado ao continente europeu por via da imigração. Assim, a discussão pública resulta numa mescla de argumentos religiosos, políticos e culturais, tantas vezes construída em plataformas mediáticas dando origem ao conceito de “religião banal” (Lövheim et al., 2018). Por exemplo, o uso do véu islâmico

gerou acesos debates na esfera pública um pouco por toda a Europa, em alguns tendo sido determinada a proibição do uso de *niqab* e *burqa*.

Em Portugal os temas ditos fraturantes debatidos na esfera pública, desde o fim da ditadura em 1974, foram essencialmente o divórcio, a interrupção voluntária da gravidez, o casamento entre casais do mesmo sexo, a adoção de crianças por casais do mesmo sexo, e a eutanásia. Porém, ao contrário da tendência noutros países de maioria católica romana, a igreja católica «tem evidenciado estar a adaptar-se ao novo contexto sociológico, inscrevendo-se numa nova temporalidade, em que não é mais uma igreja do Estado ou uma igreja histórica maioritária de utilidade pública» (Vilaça; Oliveira, 2019, p. 162).

O posicionamento das instituições religiosas relativamente a estas questões sociais já tem sido alvo de análise no contexto português. Contudo, há ainda campos sub explorados, tais como a posição destas em momentos de crise, e em particular as de carácter económico-financeiro. Estas crises, pela sua própria natureza, quase sempre alastram para a esfera social. Neste artigo parte-se de um referencial analítico específico – o conceito de empreendedorismo –, seguindo pistas dadas por outros autores e investigações em torno do neoliberalismo e neopentecostalismo como duas concepções com significativas afinidades.

Neoliberalismo e neopentecostalismo: duas ideologias que se reforçam mutuamente

Para melhorar situar o objeto de estudo deste artigo, importa definir as concepções de neopentecostalismo e neoliberalismo aqui adotadas. Dada a sua natureza complexa e multifacetada, existem múltiplas interpretações possíveis para ambos os termos.

Neoliberalismo: a governamentalidade e racionalidade da modernidade tardia

Segue-se neste trabalho uma definição de neoliberalismo que o entende «como um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam uma nova forma de governo para as pessoas de acordo com o princípio universal da competição» (Carmo et al., 2021, pp. 22-23, tradução nossa). É, portanto, uma interpretação próxima daquela formulada por Michel Foucault, propondo que

nesta racionalidade [neoliberal], os princípios do mercado tornam-se princípios governantes aplicados por e ao Estado, mas que também circulam por meio de instituições e entidades transversais a toda a sociedade – escolas, locais de trabalho, clínicas, etc. Estes princípios tornam-se princípios saturadores da realidade que governam todas as esferas da existência e reorientam o próprio homo oeconomicus, transformando-o do sujeito das trocas e da satisfação das suas necessidades (liberalismo clássico) para um sujeito de competição e aprimoramento do capital humano (neoliberalismo) (Brown, 2019, pp. 19-20, tradução nossa).

Simplificando um debate que é longo e complexo, o neoliberalismo pode ser entendido como um modo de governamentalidade ou uma forma de racionalidade e subjetividade.

A governamentalidade neoliberal diz respeito a um conjunto de princípios orientadores na esfera político-económica (Harvey, 2005; Brown, 2019), tais como: 1) a retração da intervenção estatal e defesa da privatização de todos os setores, não rejeitando, porém, aplicar fundos públicos em empresas e instituições privadas cujo valor e importância atribuídos ao dinamismo económico o justifiquem (essa exceção foi evidente nos resgates a instituições bancárias durante a crise financeira de 2007-2008); 2) a financeirização da economia mundial, favorecendo-se o investimento direto de capital externo em cada país; 3) a redução do Estado social e o controlo da força de trabalho através, entre outras estratégias, da flexibilização e da precarização laboral.

Segundo Dardot e Laval (2016), a racionalidade e subjetividade neoliberais podem ser entendidos como uma forma de governo de si, orientadas por um princípio basilar: a competição. Assim, a racionalidade neoliberal exige a formação de uma subjetividade adequada, onde cada indivíduo seja capaz de se guiar pela e na permanente lógica concorrencial do mercado. Esta visão, fundada pela escola liberal austríaca, «visa a introduzir, restabelecer ou sustentar dimensões de rivalidade na ação e, mais fundamentalmente, moldar os sujeitos para torná-los empreendedores que saibam aproveitar as oportunidades de lucro e estejam dispostos a entrar no processo permanente da concorrência» (p. 136). Por isso Dardot e Laval formularam o conceito do “homem-empresa” para definir o sujeito neoliberal ideal.

Empreendedorismo e o indivíduo empreendedor, ou o “homem-empresa”

Nesta discussão entra o conceito-chave deste trabalho: o empreendedorismo. Uma definição simples considera-o «uma estratégia do capitalismo, cujo discurso coloca o empreendedor como agente de crescimento económico e mudança social» (Carmo et al., 2021, pp. 22-23, tradução nossa).

Aceita-se também neste trabalho uma outra definição, mais refinada e complexa, elaborada por Dardot e Laval enquanto “um modo de governo de si” (2016, p. 144). Na sua leitura, «a pura dimensão do empreendedorismo, a vigilância em busca da oportunidade comercial, é uma relação de si para si mesmo que se encontra na base da crítica à interferência. [...] Apenas pelo jogo do mercado nós nos educamos a nos governar como empreendedores» (p. 146). Neste sentido, o sujeito empreendedor é ativo e responsável por construir os “quadros de fins e meios” para alcançar os seus objetivos. Percebe-se então a influência da lógica concorrencial na construção desta subjetividade empreendedora, central no neoliberalismo. Aliás, o mercado é indissociável da competição, sendo que todos os sujeitos são impelidos a agir segundo esta lógica, procurando permanentemente superar-se uns aos outros. Essa disputa concorrencial tem uma natureza contagiante, levando os indivíduos a imitar os melhores ou mais bem-sucedidos, aprendendo e adquirindo deste modo as virtudes e comportamentos do empreendedorismo.

A interpretação de Dardot e Laval acerca do empreendedorismo conforme postulado pelos autores liberais que lançaram as bases do pensamento neoliberal, tais como Ludwig von Mises e Israel Kirzner, é que

o empreendedorismo não é apenas um comportamento “economizante”, [...] que visa à maximização dos lucros. Ele também comporta a dimensão “extraeconomizante” da atividade de descobrir, detectar “boas oportunidades”. A liberdade de ação é a possibilidade de testar suas faculdades, aprender, corrigir-se, adaptar-se. O mercado é um processo de formação de si. [...] O empreendedor não é um capitalista ou um produtor nem mesmo o inovador schumpeteriano [...]. É um ser dotado de espírito comercial, à procura de qualquer oportunidade de lucro que se apresente e ele possa aproveitar [...]. O empreendedor é o homem que age para melhorar sua sorte (2016, p. 145-146).

Trata-se, portanto, de criar uma subjetividade fortemente alicerçada nos princípios da concorrência, do individualismo e numa racionalidade gerencialista, onde se disputa permanentemente as oportunidades de lucro e onde cada um deve ser o único responsável pelo seu sucesso e bem-estar.

Neopentecostalismo: a centralidade das teologias da prosperidade na visão religiosa

É curioso observar como essa aspiração máxima do sujeito neoliberal – as oportunidades e lucro – não estão ausentes de algumas formas de pensamento e discurso religioso. Uma das características distintivas do neopentecostalismo é a sua exegese bíblica em torno da acumulação material e da própria riqueza. Esta releitura dos textos sagrados é comumente agrupada segundo a designação de teologias da prosperidade (Attanasi; Yong, 2012). Não se trata de nenhum corpo doutrinário bem delimitado, mas de um conjunto de premissas básicas que as identificam com o chamado evangelho de prosperidade. O pressuposto basilar é que Deus prometeu prosperidade e felicidade para os seus fiéis, quer espiritual, quer material. Aliás, a condição material é julgada como manifestação da fé do indivíduo, para a qual concorre também a noção de guerra espiritual.

Não é raro encontrar entre grupos neopentecostais uma retórica religiosa orientada para os problemas do cotidiano, sejam eles de ordem afetiva e familiar, de saúde e, em particular, econômica e profissional. Há, por parte dos líderes religiosos desta corrente religiosa, uma grande insistência na necessidade da relação pessoal de cada crente com Deus para poder assegurar a prosperidade e bem-estar pessoal. Contudo, a ação individual é absolutamente determinante para alcançar esse objetivo.

A obra de Attanasi e Yong (2012) reúne um conjunto de investigações feitas junto de comunidades neopentecostais e neocarismáticas em todo o mundo. Os achados resultantes dessas observações apontam para um discurso religioso fortemente individualista, que espelha as dificuldades e exigências do mundo material. Algum trabalho de campo foi conduzido em plena crise do *subprime* nos E.U.A. e muitos dos testemunhos dados aos investigadores afirmavam que a escassez, a privação material, ou o desemprego eram situações circunstanciais que podiam ser ultrapassadas mediante a fé e ação dos crentes (Walton, 2012). A agência desempenha em algumas destas correntes um papel fundamental, isto é, há fé em que Deus providenciará, mas o indivíduo tem de ter iniciativa, agir e “fazer a sua parte” num mundo em permanente mudança (Marti, 2012). Observa-se no discurso religioso neopentecostal semelhanças com a retórica empreendedora, individualista e competitiva típica do capitalismo tardio.

Neste trabalho parte-se da noção de empreendedorismo enquanto elemento ideológico fundamental, quer no neoliberalismo, quer no *ethos* ideal do cristão veiculado por grupos neopentecostais. Em ambas as ideações, o empreendedorismo é um valor e horizonte construído quase sempre de forma acrítica. Verifica-se de igual modo uma atitude contemporizadora em relação às contradições do sistema capitalista, sendo que quaisquer responsabilidades pelas desigualdades e injustiças existentes são atribuídas aos indivíduos e entendidas como circunstanciais. Em parte, este artigo tentará expor algumas das razões e consequências desta abordagem.

Objeto de estudo, objetivos, metodologia

O tema e objeto de estudo proposto é inovador no contexto português. Praticamente não existem investigações que explorem o posicionamento político de grupos religiosos minoritários em Portugal. Isto torna-se ainda mais evidente ao tratar-se das igrejas neopentecostais e da sua aproximação ideológica a princípios e a um *ethos* alinhado com a racionalidade neoliberal.

Neste âmbito, concernente ao objeto de estudo, a opção mais pertinente era a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), dado ser a que tem uma presença mais longa e visibilidade, quer em locais de culto e número de seguidores, quer mediática (Mafra, 2002; Vilaça; Oliveira, 2019; Swatowski, 2020). Os anos da crise financeira e económica (2010-2014), e do programa político de austeridade então implementado, serviram como recorte temporal. Ainda que não tenha constituído o primeiro passo no avanço da neoliberalização em Portugal, este período da história nacional marcou indelevelmente a política e a sociedade portuguesas. Este trabalho está de acordo com a premissa de Farnsworth e Irving (2018), para quem as políticas de austeridade são entendidas como um avanço do processo da neoliberalização.

Não nos detendo muito no conceito de crise(s) (financeira, económica, social, etc.), importa reter que no capitalismo tardio esta tem sido um estado de quase permanência. Deste modo, o sentimento de incerteza e de emergência e a própria ideia de crise tende a ser internalizada e normalizada pelos sujeitos. Richard Sennett escreve «o que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo. A instabilidade pretende ser normal» (citado por Ésther, 2019, p. 864).

Este estado de coisas tem impacto para e nos sujeitos e, paradoxalmente, parece reforçar e não enfraquecer o sistema neoliberal. De resto, já são (re)conhecidas as consequências da crise e da austeridade a nível mundial, sendo que em Portugal já têm sido feitos estudos multidisciplinares em torno deste assunto (Reis, 2014; Sequeira et al., 2015). É de salientar «o poder disruptivo das crises ao nível das biografias, aspirações e expectativas individuais. [...] [Estes] desafios/provas podem ser geradores de crises biográficas, com implicações nas experiências e trajetórias de vida individuais» (Coelho; São José; Martins, 2023).

Objetivos

Pretende-se neste artigo encontrar as afinidades entre o discurso político neoliberal e o discurso da Igreja Universal durante os anos de 2010-2011¹, partindo de um conceito em particular, o de empreendedorismo. Discute-se a hipótese de o posicionamento da Universal neste período, em relação à crise e à austeridade, poder ser visto como uma aproximação ideológica ao setor político da direita portuguesa. Ainda que as medidas de austeridade tenham sido iniciadas nesse período por um governo socialista, foi um governo social-democrata que as defendeu de forma mais acirrada, comprometendo-se não só a cumprir as metas estabelecidas no Memorando de Entendimento sobre as Condições de Política Económica, mas também a “ir além da Troika” (Dinis; Pereira, 2015). Essa aproximação não deverá ser entendida numa lógica político-partidária, mas antes num plano ideológico-doutrinário mais perversivo.

Metodologia

Optou-se neste trabalho por recorrer à imprensa da Igreja Universal, analisando todas as edições do semanário Folha de Portugal no período 2010-2011. Este é o jornal oficial da igreja no território português e, como tal, qualquer tomada de posição aí contida pode ser entendida como reflexo da visão da hierarquia da instituição. Fez-se a leitura integral de todos os números disponíveis em formato digital, e agrupou-se os textos por temáticas. Incluiu-se, além das notícias, artigos de opinião e reportagens da atualidade nacional e internacional publicadas no semanário Folha de Portugal, as notícias, reportagens e textos de membros proeminentes da instituição constantes no suplemento Folha do Centro de Ajuda, mais dedicado à vida eclesial da instituição. Não faria sentido deixar de fora o suplemento, uma vez que inúmeras vezes dispõe de material relevante para esta investigação na cobertura de determinados cultos, por exemplo.

Logo numa fase exploratória da investigação foi perceptível a frequente menção da ideia de empreendedorismo, pelo que de imediato este se tornou um conceito-chave na pesquisa. O desfasamento entre a cronologia deste trabalho e os anos da crise e da austeridade (2010-2014) justifica-se pela extensão de material empírico disponível. Trata-se de um jornal semanal em que cada número tem à volta de 24 páginas. Não sendo viável então proceder ao tratamento sistematizado de todos os documentos num corte temporal tão extenso, priorizou-se fazer a recolha integral no espaço de um ano. Assim, selecionaram-se todas as edições acessíveis online, começando em outubro de 2010, até outubro de 2011, num total de 51 edições.

Escolheu-se uma abordagem metodológica qualitativa, utilizando a chamada crítica histórica, onde se analisam os «documentos [...] [como] “testemunhas” que fornecem um “testemunho”» (Saint-Georges, 1997, p. 42). Assume-se, portanto, que a imprensa e outras ferramentas de comunicação social, veiculam modos de pensar não apenas dos

1 Na secção “Metodologia” explicaremos o desfasamento entre a cronologia deste trabalho e a cronologia da crise e da austeridade em Portugal.

indivíduos que produzem os textos, mas de certos grupos ou coletivos sociais. Neste caso, entende-se que, cumulativamente a espelhar o posicionamento da hierarquia da Universal em Portugal, os textos com uma natureza mais ideológica publicados no *Folha de Portugal* pretendem levar os seus leitores (essencialmente membros da igreja) a adotar semelhantes ou os mesmos valores.

O empreendedorismo enquanto ideologia neoliberal e o ideal iurdiano do cristão empreendedor

Em 1995 vários membros da Universal formaram o Partido da Gente, concorrendo às eleições legislativas em outubro do mesmo ano, com um programa político inspirado pela democracia cristã (CNE, 2023). Os resultados terão ficado aquém do que era esperado e, em 1999, o Partido da Gente foi dissolvido. Esta foi a primeira e única incursão conhecida por parte da igreja na vida política portuguesa, pelo menos de uma forma organizada e por via da constituição/filiação partidária.

Contudo, o posicionamento político-ideológico pode evidenciar-se noutras formas: a identificação partidária é apenas uma delas. Durante os anos da crise financeira portuguesa (2008-2014) a IURD construiu uma narrativa em torno da mesma que deixava entrever a sua posição. É essa narrativa e disposição ideológica que é aqui (des)construída, focando um elemento particular: o apelo ao empreendedorismo. Analisando o discurso iurdiano durante esses anos, é perceptível que não ficou desprovido de carga político-ideológica. Aceitando que o empreendedorismo, ou antes, o sujeito empreendedor é um elemento fundamental na governamentalidade e racionalidade neoliberais (Dardot; Laval, 2016), então esse aporte ideológico é evidente no discurso da Universal.

O capitalismo de acumulação flexível tem reconfigurado de forma profunda as sociedades e mentalidades. Uma das grandes dificuldades (e contradições) manifestadas pela nova racionalidade capitalista consiste na concomitante defesa veemente do ideal de liberdade individual enquanto se assiste à paulatina deterioração dos vínculos e direitos laborais e associativos. Esta última tem resultado no crescimento do precariado, mas este estado de coisas é apresentado por meio de agendas neoliberais como uma necessária flexibilização do trabalho para o saudável funcionamento dos mercados (Harvey, 2005). Parece, portanto, que

a grande contradição reside no desfasamento entre os discursos populistas sobre liberdade, autonomia e individualismo, e a realidade, em que por todo o mundo os indivíduos estão cada vez mais sujeitos às exigências severas, imprevisíveis e imperdoáveis das forças do mercado e são avaliados por cálculos impessoais de custo-benefício em torno de riscos económicos, responsabilidade financeira, produtividade, eficiência e conveniência (Carmo et al., 2021, p. 28, tradução nossa).

Já atrás referiu-se a progressiva normalização das crises no capitalismo tardio. No âmbito deste trabalho importa considerar em particular as crises de (des)emprego. A agenda neoliberal tem vindo a promover, como contraponto às sucessivas crises de emprego um pouco por todo o mundo, a ideologia empreendedora. Todavia, é importante considerar que

este raciocínio não considera o desemprego como um problema social, mas como resultado da incapacidade de um indivíduo em se adaptar às organizações [...]. Esse tipo de discurso [...] atribui responsabilidade ao indivíduo [...]. O empreendedorismo é uma categoria de trabalho informal, e o discurso da autonomia coloca o sujeito empreendedor como patrão e alguém capaz de subir na escada social (Carmo et al., 2021, p. 19, tradução nossa).

Desde a década de 1970 que o empreendedorismo e a figura do empreendedor têm vindo a ganhar terreno junto das escolas de pensamento no campo da gestão (Carmo et al., 2021, p. 20). A identidade empreendedora tem, inclusive, ganho expressão fora do âmbito puramente académico e/ou empresarial. Atualmente é algo discutido e promovido em escolas de ensino básico, ações de formação profissional, ou até junto da sociedade civil. Constitui-se como uma aspiração a quase todos os indivíduos, procurando-se inculcar mesmo junto de crianças e jovens uma mentalidade empreendedora seguindo a lógica de que será um valor, uma competência importante a adquirir para que estejam mais capacitados a enfrentar as exigências do mercado.

A figura idealizada do empreendedor é, como tantas outras, uma identidade construída e fetichizada (Ésther, 2019). Esta construção tende a transferir a responsabilidade em garantir condições de vida da esfera estatal/política para a esfera individual, onde «o empreendedorismo surge então como solução [...] e o empreendedor é concebido como o sujeito referencial da racionalidade neoliberal» (Carmo et al., 2021, p. 23, tradução nossa). O empreendedorismo torna-se, assim,

uma espécie de panaceia para todos os problemas económicos e sociais de forma acrítica [...]. Também contribui para o estabelecimento de uma política de identidade, ao fornecer um referencial identitário para indivíduos, organizações e instituições, por meio de um conjunto de atributos e características desejáveis, associado a um imaginário social dentro do qual o sucesso individual e coletivo é medido e aferido por parâmetros associados ao conceito (Ésther, 2019, p. 858).

Encontra-se esta mesma racionalidade na IURD, onde a ideologia empreendedora permeia a retórica de muitos dos seus pastores e bispos. É frequente encontrar referências, quer nos discursos em cultos, quer na imprensa iurdiana, a uma suposta identidade empreendedora em figuras bíblicas. Todavia,

a Iurd parece fazer mais do que contribuir para a promoção do empreendedorismo como modo mais adequado de ser e estar no mundo hoje: ela naturaliza essa subjetividade como um dado a-histórico. Se a conversão do sujeito-trabalhador em sujeito-empresa desponta como uma tarefa primeira da racionalidade neoliberal, a atribuição de características empresariais a figuras milenares faz crer que a conduta empreendedora não resulta de injunções sociais e políticas específicas, mas é uma propensão natural – desde que estimulada – dos homens e mulheres destinados ao sucesso (Salgado; Santos, 2018, p. 348).

Observa-se na Universal um discurso apologético do empresário, do *self-made man*, atribuindo-lhe características quase heroicas: destemido, perseverante, corajoso... esta identidade empreendedora fetichizada sobrepõe-se à identidade cristã iurdiana idealizada. Um cristão deve acreditar nas promessas divinas de prosperidade e bem-estar. Como tal, deve enfrentar eventuais adversidades como provas de fé a serem ultrapassadas. Por isso o cristão não deve recear momentos de crise; deve antes navegá-los com coragem e audácia, e retirar o máximo proveito deles.

Reconhece-se um elemento de esperança neste tipo de retórica, compreendendo o apelo e dimensão galvanizante para os membros da igreja. Porém, ela não deixa de ser uma atitude acrítica e a-histórica e que, inadvertidamente ou não, alinha-se com a racionalidade neoliberal.

A crise, a austeridade e a solução empreendedora pela imprensa da igreja universal

Apresentam-se de seguida exemplos concretos do que aqui foi dito, através da análise da imprensa da IURD em Portugal entre os anos iniciais da crise económico-financeira e do programa de austeridade (2010-2011).

Como mencionado previamente, o material empírico tratado neste artigo diz respeito ao período da crise e ao programa político de austeridade (2010-2014). Não sendo oportuno explorar de forma mais detalhada a origem e consequências de ambos, deve salientar-se alguns aspetos.

A resposta do governo português para a crise passou de uma primeira fase (final de 2008 – início de 2010) de estímulo orçamental, isto é, de uma lógica de investimento público como estratégia para dinamizar a economia, para uma segunda fase (2010-2014) em que se optou pela consolidação orçamental, ou seja, de retração da intervenção estatal em quase todas as esferas. O objetivo principal deveria então ser a redução da despesa pública. A par desta opção política assistiu-se a um discurso altamente moralista, em que a dureza da austeridade era uma inevitabilidade. Dizia-se que a sociedade portuguesa no seu todo (governos, famílias, indivíduos) vivera durante décadas acima das suas possibilidades e, como tal, a situação financeira tornara-se insustentável.

José Reis (2014) coordenou um estudo compreensivo sobre a crise e a austeridade em Portugal, apontando as consequências profundas que as mesmas tiveram na sociedade portuguesa. Convém determo-nos agora nas que dizem respeito ao elevado desemprego e à estagnação económica. Em 2012 o governo português avançou com uma reforma laboral que viria a ter impactos mais negativos do que positivos para os trabalhadores. Neste sentido, compreende-se a necessidade que havia de encontrar respostas às dificuldades sentidas pela população em idade ativa, em particular os jovens, um segmento social particularmente afetado pelo desemprego e pela precariedade.

Em vários momentos o primeiro-ministro social-democrata, Pedro Passos Coelho, evocou o empreendedorismo como uma necessidade para resolver os problemas que o país enfrentava. Num discurso feito na cidade do Porto, dizia:

se não formos mais empreendedores, mais abertos, dificilmente resolveremos um problema da prosperidade. [...] Precisamos de aprender bem com os nossos erros e de colocar o sistema financeiro numa rota muito mais bem sucedida do que aquela que conseguimos até hoje, financiando o que tem potencial e não apenas aquilo que parece importante, isto é, tornando mesmo a nossa economia mais competitiva, mais aberta, mais dinâmica, menos protegida, menos de um grupo muito limitado, de um circuito muito fechado (Passos, 2015).

Ora, é interessante que a imprensa iurdiana invoque argumentos muito semelhantes e aponte o empreendedorismo como um caminho imprescindível para a revitalização da economia nacional. É bastante elucidativo que, no total das 51 edições examinadas, há referências ao empreendedorismo em 42 delas, o que significa uma prevalência deste tópico em 82% dos números selecionados. Aliás, importa mencionar que este conceito-chave foi mais vezes referido no jornal durante o período 2010-2011 do que a própria crise financeira ou do que o programa de austeridade.

Este foco na solução e no “olhar para a frente”, isto é, para o futuro, é outra característica da retórica da Universal. O que era verdadeiramente importante naquele momento era encontrar soluções e não ficar “bloqueado” a pensar nas causas e na adversidade. Algumas das soluções propostas, em particular o empreendedorismo, estão ideologicamente orientadas de acordo com a retórica neoliberal. Vejam-se os seguintes exemplos:

A crise pode ser sinónimo de oportunidade, mas tudo depende de como a viver. Afinal, as crises quando surgem alteram a perceção do mercado em quase todas as áreas, que vão desde exigir novas competências, a uma maior adaptabilidade e flexibilidade [...]. E é neste preciso momento que podem surgir as grandes oportunidades para aqueles que querem manter ou dar um novo rumo às suas carreiras (Damásio, 2011a, p. 6).

O mais importante, neste momento difícil para o nosso país, é que cada pessoa tente mudar o rumo da sua vida, não ficando à espera que os governantes o façam por elas. Chegou, então, o momento de todos “arregaçarem as mangas” para assim podermos levar o país para a frente! (Filipe, 2011a, p. 2).

Pior do que a situação externa é o interior de cada indivíduo. Só que a alteração de atitude apenas o próprio indivíduo a pode fazer acontecer! [...] Por norma, só se costumar [sic] noticiar o fecho de fábricas, o número de desempregados que aumenta e as famílias que estão cada vez mais pobres, o que não deixa de ser verdade! Porém, esquece-se, muitas vezes, aquelas pessoas que conseguiram vencer e que, apesar de terem perdido o emprego, deram a volta por cima, começando os seus próprios negócios e passando de desempregados a empresários de sucesso (Filipe, 2010a, p. 2).

Afigura-se sintomático que a imprensa iurdiana apresente com frequência a ideia da crise como oportunidade. Isto porque um espírito empreendedor vê nela mais possibilidades do que dificuldades. Este olhar sobre a problemática coaduna-se à transição da lógica do capitalismo fordista para o capitalismo de acumulação flexível que, entre outros, trouxe novas propostas no campo da gestão, das quais destacamos a promoção do empreendedorismo. Este passou a ser visto como o melhor caminho para alcançar a liberdade individual num contexto laboral em que as relações se tornavam cada vez mais frágeis e provisórias. O empreendedorismo torna-se assim uma panaceia e mediador de conflitos sociais no sentido em que potencia

uma ideologia [...] que ultrapassa as fronteiras das organizações e se entrelaça com o tecido social. As técnicas de gestão deixaram de estar restritas aos gestores e passaram a ser de conhecimento comum, uma vez que cada um deve gerir a sua própria carreira. Isso reforça o culto à personalidade e ao sucesso (Carmo et al., 2021, p. 27, tradução nossa).

Também se encontra no Folha de Portugal pequenos excertos biográficos de empresários mundialmente conhecidos. Essa admiração pela figura do empresário contrasta com a postura de

muitas pessoas [que] ainda têm a ideia de um trabalho para a vida, mas a realidade é cada vez mais outra. Sendo o mercado de trabalho, mais competitivo e com mais limitações, o que obriga a que se invista mais no emprego por conta própria. [...] Portanto, é necessário estimular a coragem dos jovens (Filipe, 2011b, p. 11),

ou com a atitude de

muitas pessoas [...] [que] sempre que ouve falar de crise pensa apenas no perigo, entrando, por isso, logo em desespero. Todavia, [...] existe um caráter que define oportunidade, lado este da crise que poucas pessoas conseguem observar [...]. Seja para um empresário muito bem-sucedido ou para um mero trabalhador por conta de outrem, os momentos de crise são sempre um perigo e/ou uma oportunidade! (Filipe, 2011c, p. 2, *itálico nosso*).

Colocaram-se algumas expressões desta última afirmação em *itálico* porque são indicativas do culto da figura do empreendedor: o empresário aparece como muito bem-sucedido, enquanto o trabalhador por conta de outrem é apenas um mero trabalhador, sem mais atributos qualitativos.

No contexto que se vivia em Portugal, de elevado desemprego e crescente precarização do trabalho, a precariedade foi

ocultada pelo discurso do empreendedorismo, que coloca o empreendedor numa posição oposta ao do mercado de trabalho formal e o vê como um opressor da criatividade e da autonomia do indivíduo. O empreendedorismo defende a liberdade [...]. Os novos valores que surgiram, especialmente entre os jovens, baseiam-se na possibilidade de escolha, em vez da certeza e previsibilidade [...]. As carreiras também não são garantidas. Um novo espírito do capitalismo que atenda às novas demandas deve emergir para garantir a sua manutenção como sistema dominante (Carmo et al, 2021, p. 24, tradução nossa).

O empreendedorismo como ideologia tornava-se ainda mais apelativo nessa conjuntura recessiva porque a ideia de tornar-se dono do próprio negócio serviria simultaneamente o propósito de resolver eventuais problemas de desemprego e/ou condição precária e alcançar liberdade e autonomia financeira e profissional. Na imprensa iurdiana esta aspiração empreendedora é visível nas reportagens “O poder do sacrifício” e nas colunas “Casos Verídicos”, “Histórias de Sucesso” e “Eu voltei!”. Elas contêm histórias de vida, testemunhos de fiéis ou notícias de pessoas que em dado momento das suas vidas enfrentaram dificuldades económicas e profissionais e optaram por tornar-se empreendedoras (De empregada, 2011; Do mínimo, 2011; Mais, 2011; Deus, 2010; De funcionária, 2010). O jornal publicava também semanalmente a coluna “A sua carreira”, onde era dado aconselhamento profissional, desde dicas para ser mais produtivo, gerir conflitos no trabalho, estratégias de melhoria pessoal em equipa, recomendações e exemplos sobre os benefícios do trabalho por conta própria, entre outros.

Observam-se assim afinidades entre o discurso gerencialista, tão caro no paradigma capitalista neoliberal, e o discurso galvanizante iurdiano, em particular na proeminência dada à identidade empreendedora. Porém, este ideal

retira, praticamente, a dimensão coletiva da vida social, operando o distanciamento quase total entre indivíduo e sociedade, reforçando a imagem de entidades separadas e distintas. Ademais, retira o caráter coletivo do trabalho, esmaecendo a perspectiva do trabalhador enquanto classe em um sistema económico e social desigual, atribuindo

ao indivíduo um estatuto – totalmente artificial – de “dono” de sua força de trabalho, ou, ainda, de “dono” de seu próprio destino (Ésther, 2019, p. 866).

Estes discursos construtores da tal identidade fetichizada, definem comportamentos desejáveis e indesejáveis, formando o *habitus*. Aqueles «sujeitos que não se enquadrem nesses “modelos” tendem a ser excluídos» (Carmo et al., 2021, p. 24, tradução nossa). Daqui resulta que qualquer sucesso e, por outro lado, fracasso nas trajetórias individuais seja atribuído apenas ao indivíduo.

Ficam ainda dois excertos que, embora produzidos por duas instâncias muito distintas, têm extraordinária similitude. O primeiro é um excerto de um artigo publicado na plataforma digital Administradores, um dos maiores em português dedicado às áreas de Administração e Negócios, e o segundo é um editorial de João Filipe no jornal Folha de Portugal.

Só existe uma explicação para estar desesperado com a crise. [...] Eu tenho minhas dúvidas se esse mal se disseminou [...] por causa de períodos de estabilidade econômica ou se sempre sofremos desse incômodo. [...] A *questão fundamental* nesse momento *não é discutir as causas ou as circunstâncias desse período turbulento, mas sim conhecer a sua maneira de reagir* perante a crise. [...] As pessoas que reclamam da situação econômica [...] são as mesmas que estão desesperadas com a crise. *Se você é um desses que entrou em desespero, saiba que existe uma única explicação para isso: acomodação.* [...] Você vai continuar reclamando do governo, dos bancos, dos clientes e das empresas ou *vai assumir a responsabilidade sobre os seus resultados?* (Muniz, 2016, grifo nosso).

O trabalho temporário é visto, de uma maneira geral, como uma forma de precariedade laboral, o que não deixa de ser uma verdade! [...] Num mercado de trabalho muito mais competitivo, [...] se um trabalhador não desenvolver bem o seu trabalho existem, no mínimo, dez pessoas prontas para ocupar o seu lugar. [...] E embora ter um trabalho temporário não seja uma boa solução, sempre é melhor do que estar em casa no desemprego, já que neste caso a pessoa acabará por se acomodar [...]. Afinal, tudo está na forma como se encara a situação! Se preferir ficar a lamentar-se e a viver à base de subsídios, então, com certeza, dificilmente irá conseguir progredir e acabará por culpar o Mundo pelo seu insucesso (Filipe, 2011d, p. 2).

Entende-se, assim, terem sido demonstradas as afinidades entre a racionalidade neoliberal e a retórica iurdiana a partir dos conceitos de empreendedorismo e sujeito empreendedor. No período analisado, o discurso da Universal aproximou-se amiúde do discurso do setor político de direita em Portugal, que defendia a ideia da crise como oportunidade e apresentava o empreendedorismo como solução para a crise, relativizando ou ignorando as limitações impostas pela conjuntura recessiva.

Conclusão

Este artigo pretendeu dar alguns apontamentos em torno das afinidades do discurso da IURD em Portugal com a lógica neoliberal. Partindo dos conceitos de racionalidade e subjetividade neoliberal, empreendedorismo e sujeito empreendedor, procurou-se reconstituir alguns dos seus elementos distintivos na cosmovisão e discurso oficial da Igreja Universal em Portugal.

Explorou-se a retórica neoliberal na imprensa iurdiana, focando valores comuns com essa racionalidade justamente num período da história portuguesa em que o pensamento e política neoliberal ganharam ímpeto e marcaram o país de forma indelével. A sobreposição ideológica entre a política neoliberal e a concepção religiosa iurdiana foi particularmente evidente na promoção do empreendedorismo enquanto solução para a adversidade económica e valor de aspiração de todos os indivíduos. A identidade empreendedora consistia numa construção idealizada em ambos os sistemas, um valor advogado de forma a-histórica e acrítica.

Durante os anos da crise e do plano de austeridade portugueses, o jornal da Universal veiculou de forma persistente as virtudes da subjetividade empreendedora e o seu potencial em capacitar os crentes para as exigências do mercado e da realidade económica e social do momento. O empreendedorismo surgia como panaceia entre as ruínas de um país debilitado pela crise, pela recessão e pela profunda desorientação do coletivo social. Nesse momento de fragilidade colocava-se a responsabilidade de superação no indivíduo e na sua capacidade empreendedora. Este é um traço singular da racionalidade e subjetividade neoliberal: o individualismo. A resposta apresentada pelo discurso iurdiano à crise e aos seus flagelos seria a agência empreendedora.

Ainda que a IURD não tenha, no período analisado, intervindo diretamente na vida político-partidária, o seu posicionamento na imprensa não permite considerar que tenha sido neutra. Antes, pelos dados observados, afigura-se um alinhamento ideológico com a agenda política neoliberal durante esses anos.

Referencias

ATTANASI, Katherine; YONG, Amos (Eds.). *Pentecostalism and Prosperity: The Socio-Economics of the Global Charismatic Movement*. London: Palgrave Macmillan, 2012.

BRISSOS-LINO, J.; MONIZ, J. B. *Secularização e populismo religioso em Portugal*. *Estudos de Religião*, v. 37, n. 1, pp. 15-42, 2023.

BROWN, Wendy. *In the Ruins of Neoliberalism: The Rise of Antidemocratic Politics in the West*. New York: Columbia University Press, 2019.

CARMO, L. J. O.; ASSIS, L. B.; JÚNIOR, A. B. G.; TEIXEIRA, M. B. M. *Entrepreneurship as a neoliberal ideology*. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 19, n. 1, Rio de Janeiro, pp. 18-31, 2021.

CNE. Partido da Gente. 2023. Disponível em: <<https://www.cne.pt/partido/partido-da-gente>>. Acesso em: 29 dez. 2023.

COELHO, P.; SÃO JOSÉ, J. de; MARTINS, J. E. *Um olhar sociológico sobre a “prova” da crise e da austeridade junto dos mais velhos*. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 101, Lisboa, pp. 117-133, 2023.

DAMÁSIO, Sara. *Crise: a ferramenta para o sucesso*. *Folha de Portugal*, Lisboa, n. 404, 18 set., 2011a, p. 6.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE EMPREGADA a patroa. *Folha de Portugal*, Lisboa, n. 403, 11 set. 2011, p. 5i.

DE FUNCIONÁRIA a dona. *Folha de Portugal*, Lisboa, n. 356, 17 out. 2010, p. 6i.

DEUS supera expetativas. *Folha de Portugal*, Lisboa, n. 356, 17 out. 2010, p. 2i.

DINIS, Rita; PEREIRA, Helena. Pedro e os mitos. O que Passos disse e não disse – em oito frases polémicas. 19 jun. 2015. Disponível em: <<https://observador.pt/2015/06/19/7-frases-polemicas-passos-coelho-disse-mesmo-isto/>>. Acesso em: 29 dez. 2023.

DO MÍNIMO ao máximo. *Folha de Portugal*, Lisboa, n. 403, 11 set., p. 6i.

ÉSTHER, A. B. *A política de identidade do empreendedorismo: uma análise na perspectiva da sociologia figuracional e da psicologia social crítica*. Cadernos EBAPE. BR, v. 17, Edição Especial, Rio de Janeiro, 2019.

FARNSWORTH, K.; IRVING, Z. Austerity: Neoliberal dreams come true?. *Critical Social Policy*, v. 38, n. 3, London, pp. 461-481, 2018.

FILIPE, João. Ficar ou mudar?. *Folha de Portugal*, Lisboa, n. 361, 21 nov., 2010a, p. 2.

FILIPE, João. Troika começa a doer!. *Folha de Portugal*, Lisboa, n. 402, 4 set., 2011a, p. 2.

FILIPE, João. Empreendedorismo: faltam pessoas com esta qualidade. *Folha de Portugal*, Lisboa, n. 411, 6 nov., 2011b, p. 11.

FILIPE, João. Crise, o fim ou o início?. *Folha de Portugal*, Lisboa, n. 404, 18 set., 2011c, p. 2.

FILIPE, João. Trabalho temporário: bom ou mau?. *Folha de Portugal*, Lisboa, n. 390, 12 jun. 2011, p. 2.

FRESTON, Paul. *Evangelicals and Politics in Asia, Africa and Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

GAUTHIER, François; MARTIKAINEN, Tuomas (Eds.). *Religion in the Neoliberal Age: Political Economy and Modes of Governance*. Surrey: Ashgate, 2013.

HARVEY, David. *A Brief History of Neoliberalism*. New York: Oxford University Press, 2005.

LÖVHEIM, Mia; LINDBERG, Jonas; BOTVAR, Pål Ketil; REINTOFT CHRISTENSEN, Henrik; NIEMELÄ, Kati; BÄCKSTRÖM, Anders. *Religion on*

the political agenda. In: FURSETH, Inger (Ed.). *Religious Complexity in the Public Sphere: Comparing Nordic Countries*. London: Palgrave Macmillan, 2018, pp. 137-191.

MAIS do que tinha pedido. *Folha de Portugal*, Lisboa, n. 367, 2 jan. 2011, p. 5i.

MAFRA, Clara. *Na Posse da Palavra. Religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

MARTI, Gerardo. "I Determine My Harvest": Risky Careers and Spirit-Guided Prosperity in Los Angeles. In: ATTANASI, Katherine; YONG, Amos (Eds.). *Pentecostalism and Prosperity: The Socio-Economics of the Global Charismatic Movement*. New York: Palgrave Macmillan, 2012, pp. 131-150.

MUNIZ, Marco Ogê. *A única explicação para estar desesperado com a crise*. 2016. Disponível em: <<https://administradores.com.br/artigos/a-unica-explicacao-para-estar-desesperado-com-a-crise>>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PASSOS diz que é preciso aprender com os erros do passado para poder progredir. *Jornal de Negócios*, 6 mar. 2015. Disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/passos_diz_que_e_preciso_aprender_com_os_erros_do_passado_para_poder_progredir>. Acesso em: 29 dez. 2023.

POSSAMAI, Adam. *The i-zation of Society, Religion, and Neoliberal Post-Secularism*. London: Palgrave Macmillan, 2018.

REIS, José (Org.). *A Economia Política do Retrocesso: Crise, Causas e Objectivo*. Coimbra: Almedina, 2014.

SAINT-GEORGES, Pierre de. Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económico, social e político. In: ALBARELLO, Luc et al. *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 1997, pp. 15-47.

SALGADO, J.; SANTOS, L. D. P. Usos da «fé inteligente»: a hermenêutica empreendedora da Iurd. *Comunicação Mídia Consumo*, v. 15, n. 43, São Paulo, pp. 346-365, 2018.

SEQUEIRA, C.; SÁ, L.; CARVALHO, J. C.; SAMPAIO, F. Impacto da crise financeira e social na saúde mental. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, n. 14, Porto, pp. 72-76, 2015.

SWATOWISKI, Claudia. *Avoiding Stigmas and Building Bridges: The Universal Church of the Kingdom of God in Portugal*. In: BALKENHOL, Markus; BLANES, Ruy Llera; SARRÓ, Ramon (Eds.). *Atlantic Perspectives: Places, Spirits and Heritage*. New York, Oxford: Berghahn Books, 2020, pp. 111-128.

THOMAS, Scott M. Introduction: The Struggle for the Soul of the Twenty-First Century. In: THOMAS, Scott M (Org.). *The Global Resurgence of Religion and the Transformation of International Relations: the Struggle for the Soul of the Twenty-First Century*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005, pp. 1-19.

VAZ, Carla. Um outro regime, uma nova pessoa e uma vida transformada. Folha de Portugal, Lisboa, n. 384, 28 abr. 2011, p. 9i.

VILAÇA, Helena; OLIVEIRA, Maria João. A religião no espaço público português. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2019.

WALTON, Jonathan L. Stop Worrying and Start Sowing! A Phenomenological Account of the Ethics of “Divine Investment”. In: ATTANASI, Katherine; YONG, Amos (Eds.). Pentecostalism and Prosperity: The Socio-Economics of the Global Charismatic Movement. New York: Palgrave Macmillan, 2012, pp. 107-129.

WOODHEAD, Linda; KAWANAMI, Hiroko; PARTRIDGE, Christopher (Ed.). Religions in the Modern World: Traditions and Transformations. Oxfordshire: Taylor & Francis, 2009.

Submetido em: 18/12/2023

Aprovado em: 07/05/2024

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Alfredo Teixeira.